

EDITORIAL
RELEMBRANDO VEREDAS DE LEITURAS, OU UM
DIÁLOGO SOCRÁTICO NO SERTÃO DAS GERAIS
EDITORIAL
REMEMBERING BACKLANDS OF READING, OR A
SOCRATIC DIALOG IN THE “SERTÃO DAS GERAIS”

A colheita é comum, mas o capinar é solitário.
 Pois a gente pode vencer o diabo simplesmente
 porque existe o homem, a travessia para solidão
 que equivale à infinitude
 (*Grande Sertão: Veredas* [GSV]).

Entre as atividades desenvolvidas no curso “Grandes temas das Ciências da Religião I”, ministrado no segundo semestre de 2010 no Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências da Religião da PUC-SP, com o tema: “O Imaginário religioso popular e sua lógica”, destaco a leitura da obra de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas*. Dois pedidos foram feitos aos participantes: primeiro, anotar as intuições, as questões, enfim as descobertas ocorridas ao longo da leitura; segundo, ter como fio condutor a dimensão de religiosidade presente na obra. No final da leitura e do curso, cada qual, consultando suas anotações elaboraria um breve texto. Além de uma aula introdutória sobre o romance na qual se alertou para as dificuldades iniciais da leitura, ofereceu-se uma apostilha — “Material de Carpintaria” — contendo inúmeros artigos sobre GSV. Uma espécie de isca, para estimular os doutorandos a elaborarem os seus textos.

Um olhar atento para os aspectos narrativos, filosóficos e religiosos de *GSV* deixa transparecer a concepção híbrida presente na visão de mundo de Guimarães Rosa. O autor realiza com a palavra uma obra que lhe possibilita alcançar o que ele próprio chama o “aspecto metafísico da língua”. *GSV* traz no seu bojo uma unidade de visão de mundo na qual princípio e valores filosóficos, linguísticos e religiosos em tensão produzem seus contrários.¹ A tensão entre o bem e o mal, por exemplo, leva cada um

¹ Ver CORDEIRO, Marcos Rogério. *Metafísica e Narração em Grande Sertão: Veredas*. In: *Verbo de Minas. LETRAS*, v,5, n. 9, São Paulo, 2006.

desses valores a produzir o seu contrário, “contrário ordenador do mundo”. Para Cordeiro, uma passagem do romance ilustra bem esta hipótese:

Melhor, se arrepere: pois, num chão, e com igual formato de ramos e folhas não dá a mandioca mansa, que se come comum, e a mandioca-brava, que mata? Agora, o senhor já viu uma estranheza? A mandioca-doce pode de repente virar azangada — motivos não sei; às vezes se diz que é por replantada no terreno sempre, com mudas seguidas, de manaíbas — vai em amargando, de tanto em tanto, de si mesma toma peçonhas. E, ora veja: a outra, a mandioca-brava, também é que às vezes pode ficar mansa, a esmo, de se comer sem nenhum mal.²

Riobaldo encara um conflito, no cerne do qual reside a unidade de sua consciência. No conflito gerado pela dúvida ele se abre ao diálogo no qual o interlocutor não se faz ouvir, mas está presente. O diálogo o coloca na busca da verdade, assumindo seu passado para desvelar sua existência em meio às contradições da vida.

O jagunço Riobaldo. Fui eu?
 Fui e não fui.
 Não fui ! — porque não sou, não quero ser.
 Deus esteja.³

Desvelamento que se dá na fuga. Nas palavras de Riobaldo “a gente tem de sair do sertão!, mas só se sai do sertão é tomando conta dele a dentro”. Nesse espaço mítico e marginal onde “viver é negócio perigoso”,⁴ Riobaldo viveu e “nunca tinha certeza de coisa alguma”. No entanto, ele a busca sempre sabendo previamente que “natureza da gente não cabe em nenhuma certeza”.

Entretanto, exige-se dele na travessia que se veja por dentro, que tente reencontrar-se consigo, com sua solidão. Cabe aqui lembrar que o diálogo de matriz socrática, tem como finalidade desvelar a existência, não para os outros, mas para si mesmo.

Na solidão, as tensões se fazem mais intensas e as vividas por Riobaldo são as mais diversas, uma renitentemente presente é a tensão moral, verbalizada na dúvida. O diabo existe ou não? Existindo o diabo, o mundo se explica. A existência do diabo, “avesso” de tudo confirma que os opostos convivem numa harmonia instável.

² ROSA, Guimarães. *Grande Sertão: Veredas*. 11. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976, p. 11-12.

³ GSV, p. 166.

⁴ GSV, p. 10.

O diabo existe e não existe? Dou o dito. Abrenúncio. Essas melancolias. O Senhor vê: existe cachoeira? e pois? Mas cachoeira é barranco de chão, e água se caindo por ele, retombando; o senhor consome essa água, ou desfaz o barranco, sobra cachoeira alguma? Viver é negócio muito perigoso.⁵

O homem “paciência de Deus”, na busca do autoconhecimento reconhece sua identidade, ser peregrino, contingente, limitado e poroso ao diabólico e ao divino.

Por esses caminhos, e outros, se deu o curso, e ao seu final recebi ensaios criativos e competentes, que deixavam transparecer uma leitura cuidadosa e uma significativa coleta de dados. Daí, a decisão de publicar os textos na revista eletrônica do Programa, consagrada à produção discente, *Último Andar*. Eles perfazem a sessão dos artigos do presente número.

“O complexo e trivial em *Grande Sertão: Veredas*” de Maria Cláudia Araújo, examina de perto a estrutura paradoxal e fragmentada da narrativa do texto, para iluminar o desassossego, as inquietações do personagem Riobaldo frente a tensão entre o bem e o mal presente no sertão. Valendo-se de seus conhecimentos literários, introduz o leitor nos meandros do texto, mostrando que a verdade de Riobaldo não pode ser encontrada no plano da superfície e que a arte abre a possibilidade de elevação espiritual diante da facticidade do mundo.

Gedeon Freire de Alencar em “*Grande Sertão: Veredas*. As grandes (in) certezas são perigosas”, acompanha de perto Riobaldo no pensar e repensar as razões e desrazões na busca da verdade do vivido. Percorre com ele as veredas da “duvidação”, presente nas ambiguidades do sertão, nas nomeações da inexistência ou existência (Deus e o Demo), no pensar do pensante.

“Riobaldo: ser tão sagrado”, de Tânia Pessoa de Lima segue de perto o “filosofar” do personagem Riobaldo e seu posicionar diante da vida. Riobaldo deixa o leitor num lugar indefinido e em todos os lugares, mas junto com ele na travessia. “Existe é homem humano. Travessia”. A autora é surpreendida pelo conhecimento profundo e autonomia do personagem.

Tatiana Machado Boulhosa, em “Algumas conjecturas sobre a morte em *Grande Sertão: Veredas*”, toma como mote a passagem do romance “... Mas morrer em combate é coisa trivial nossa; para que é que a gente é jagunço” para mostrar que GSV é também uma história de mortes. Nas palavras da autora: “mortes que falam de almas

⁵ GSV, p. 11.

atravessando rios, caindo no sono eterno ou sendo velados por amigos queridos deixados para trás. Mortes violentas, melancólicas, anunciadas, honrosas e estendidas. Mortes matadas e mortes morridas”.

Em “Fragmentos do religioso na travessia de Guimarães Rosa em *Grande Sertão: Veredas*”, Iracema Andréa Arantes da Cruz garimpa o veio religioso presente no romance. Elege como estrela guia o tripé Deus-Diabo-Vida. A religiosidade vivida em GSV apresenta duas dimensões uma existencial-moralizante, outra prática, colada no cotidiano. O dilema da existência ou não tanto de Deus quanto do demônio entrelaça as duas dimensões da religiosidade. Religiosidade que se materializa numa profusão de símbolos.

Estes cinco textos constituem uma pequena rosácea reveladora da rica densidade cultural-religiosa presente nas veredas roseanas. Fica o convite para a leitura da obra e desses pequenos ensaios. Afinal, de acordo com o comentário de um ex-aluno, Luiz Alberto Caldas do Valle, feito ao concluir a leitura do romance, “Guimarães Rosa termina sua obra ao não terminar: porque não há fim, não há definição, não existem respostas certas, apenas o fato de que cada pessoa descobre o seu Deus na subjugação do seu diabo: ‘O diabo não há. Existe é homem humano. Travessia’”.

*Ênio José da Costa Brito**

* * *

Os artigos que compõem este número de *Último andar*, que sai com imenso atraso (pelo que nos desculpamos junto a autores e leitores) são acompanhados de uma entrevista com o professor Marcelo Camurça, docente do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, ambos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Uma outra contribuição de Maria Claudia Araújo, desta vez uma resenha, completa o volume.

Bom proveito!

* Professor titular da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, com experiência nas áreas de Teologia, História e Antropologia. Nos últimos anos, vem dedicando-se a pesquisar o imaginário religioso brasileiro, com ênfase nas matrizes indígenas, afro-brasileiras e populares, priorizando as mediações culturais. Sua pesquisa acolhe o desafio de explicitar os emergentes modelos interpretativos, sem esquecer a importância do acervo de conhecimentos tradicionais enquanto fontes de referência para a dinâmica identitária das pessoas e grupos estudados.

Comitê editorial